

Religiosos católicos e velhice LGBT: um estudo sobre as representações sociais

Catholic religious and old age LGBT: a study on Social Representations

Religiosos católicos y vejez LGBT: un estudio sobre representaciones sociales

Hiago Veras Gomes
Ludgleydson Fernandes de Araújo
Ana Gabriela Aguiar Trevia Salgado
Lorena Alves de Jesus
José Victor de Oliveira Santos

RESUMO: O presente estudo visou a apreender e comparar as Representações Sociais de religiosos católicos face à velhice LGBT. Participaram da pesquisa 61 praticantes do catolicismo, a maioria com um tempo de mais de cinco anos de prática religiosa (96,7%). Com as análises realizadas, percebeu-se que tal população representa a velhice LGBT com concepções negativas e estereotipadas; todavia, pôde-se também notar a presença de um olhar compreensivo quanto ao público.

Palavras-chave: Representações Sociais; Velhice LGBT; Católicos.

ABSTRACT: *The present study aimed at apprehending and comparing the Social Representations of Catholic religious in the face of old age LGBT. Participants of the study were 61 practitioners of Catholicism, the majority with more than five years of religious practice (96,7%). With the analyzes made it was observed that the population represents the old age LGBT with negative and stereotyped visions, but, it was also observed a presence of a understandable view to the public*

Keywords: Social Representations; Old age LGBT; Catholics.

RESUMEN: *El presente estudio tuvo como objetivo aprehender y comparar las representaciones sociales de las personas religiosas católicas frente a la vejez LGBT. 61 practicantes del catolicismo participaron en la investigación, la mayoría con más de cinco años de práctica religiosa (96.7%). Con los análisis realizados, se dio cuenta de que esta población representa la vejez LGBT con concepciones negativas y estereotipadas; sin embargo, también fue posible notar la presencia de una mirada integral al público.*

Palabras clave: Representaciones sociales; Vejez LGBT; Católicos.

Introdução

O estudo da velhice, do envelhecimento e suas questões correlatas são significativamente novas no campo das Ciências Humanas. Os estudos de fases mais iniciais do desenvolvimento humano sempre foram mais expressivos, tanto é que até o início do século XX, a adolescência não era dissociada da infância; percebe-se, então, que a velhice ainda nem estava próxima de ser avistada como objeto de estudo. A idade idosa foi e continua sendo negligenciada em diversos sentidos; entretanto, com a máxima crescente dessa população no mundo inteiro, fez-se com que os olhares de áreas como Psicologia, Sociologia, entre outras, tenham-se voltado a ela (Santos, 1994).

No Brasil, considera-se idoso todos àqueles que tenham idade maior ou igual a 60 anos, segundo a Lei n.º 10.741 de 2003; assim, ao observar as taxas quantitativas da população, é possível analisar a crescente parcela do número de habitantes dessa idade no decorrer dos anos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número da população idosa cresce cada vez mais, e as projeções realizadas confirmam tais hipóteses. Estudos efetivados pelo Instituto supramencionado apontaram que o número de idosos brasileiros no ano de 2000

representavam 8,56% da população total, passando para o número de 14,3% em 2015 e projeta-se que, em 2045, o número de idosos chegue a 60 milhões, totalizando um crescimento elevado a cada ano (IBGE, 2016; Flores, 2015; Miranda, Mendes, & Silva, 2016; Salgado, *et al.*, 2017).

A idade idosa começa a ganhar volume com a inclinação das taxas de natalidade e mortalidade. Aspectos como qualidade de vida melhorada, aumento da expectativa de vida e progressos em questões de saúde e tecnologia também estão elencadas nesse aumento quantitativo do desenvolvimento. Tendo em vista um ponto mais abrangente para com a supracitada idade em sociedades mais desenvolvidas, a velhice somente foi posta em pauta no Brasil nos anos de 1980, reproduzindo sociedades mais avançadas com a elaboração de políticas públicas. O envelhecer torna-se, então, uma realidade não apenas de um território, mas sim do mundo como um todo (Flores, 2015; Costa, & Campos, 2009).

Com o passar do tempo, é indubitável que haja múltiplos conceitos científicos e de senso comum sobre a velhice e do envelhecimento. De acordo com Ferreira, Maciel, Silva, Sá e Moreira (2010), o envelhecimento e a velhice apresentam significados e juízos de valores dessemelhantes nos aspectos dos campos biológico, social, psicológico e cultural, fazendo com que o conceito de envelhecimento, velhice e importância do idoso, variem de acordo com a cultura, o país e a classe social em que os mesmos estão inseridos, abrindo portas e demonstrando a seriedade da área gerontológica no desenvolvimento de conhecimento e, conseqüentemente, bem-estar desse público (Debert, Simões, & Henning, 2016).

Nos dias atuais a representação da velhice como algo hirto e improgressivo ainda é uma realidade; na maioria das vezes tal idade apresenta-se com carga negativa. Atrêlam-se a essa fase atributos degenerativos e incapacitantes, podendo interferir até em como os próprios idosos se enxergam. É importante salientar que cada fase do ciclo vital é marcada por alguns elementos, tanto nos aspectos físicos, como no campo psicológico; logo, a idade envelhecida não é exceção. Contudo, as mudanças que ocorrem, por exemplo, na infância, não são enxergadas com tanta repulsa como as mudanças ocorridas em função do envelhecimento. Os mitos que englobam a velhice e seus processos acabam por difundir uma visão estereotipada e negativa dos idosos. A fragilização e a falta de produtividade são predominantes na construção do olhar para com as pessoas idosas, contribuindo diretamente com a discriminação e para a tomada da velhice com sinônimos pessimistas e retrógrados. É passível de observação o declínio biológico natural nessa fase da vida; todavia, é importante ir de encontro a tal olhar desfavorável sobre as pessoas, pois a velhice também se demonstra como uma chance para o

uso dos recursos alcançados no decorrer da vida, sendo de suma importância para a sociedade em geral (Rabelo, & Davi, 2017; Silva, 2011).

Um modo de captar e estudar a opinião das pessoas em geral face ao processo de envelhecimento, como também dos próprios idosos, pode ser feito com a utilização da análise das representações sociais. A Teoria das Representações Sociais (TRS) é considerada a teoria do senso comum. É precisamente o senso comum o básico para o esboço das representações, cujo papel efetivo da representação social é instituir algo não familiar em familiar, associado e objetivo. Parte-se do pressuposto que o processo de socialização está intrinsecamente ligado à identidade coletiva, cujos eventos sociais vão ao encontro da maneira de agir e a representatividade que são externas aos sujeitos, influenciando, assim, diretamente no modo de como o indivíduo enfrenta o mundo, os acontecimentos da vida, os contextos, entre outros fatores (Veloz, Nascimento-Schulze, & Camargo, 1999; Daniel, Antunes, & Amaral, 2015; Jodelet, 2001).

A TRS surgiu inicialmente com base nos estudos de Émile Durkheim e suas representações coletivas. Segundo o autor, as representações permitem viabilizar o pensamento de como o homem pensa a respeito de si próprio e sobre a realidade e a sociedade que o rodeia. Seguindo tais contribuições teóricas, o grande nome da TRS – Serge Moscovici – dá início de fato ao que se conhece hoje por Representações Sociais (RS). A importância do estudo das RS se dá como uma maneira de interpretação e pensamento da realidade, desenvolvida por sujeitos e por grupos, com o intuito de fixar suas posições face a eventos, situações, comunicações e objetos. Ainda assim, as RS podem ser consideradas como um conjunto de crenças, explicações ou ideias resultantes de uma interação social, com a intenção de tornar algo desconhecido em familiar, sendo possível ao indivíduo a classificação, assimilação e novas ideias, valores e teorias a respeito de algo. Para a formulação de tal, usam-se os processos de objetivação e ancoragem; o primeiro, sendo a formulação de uma imagem cognitiva; e o segundo, a recuperação dessa informação (Moraes, Souza, Pinto, Estevam, & Munhoz, 2013; Moscovici, 1978).

Alguns aspectos do envelhecimento que muitas vezes caminham conjuntamente às suas representações tratam da velhice como a finitude, o surgimento de condições crônicas e comportamentos introspectivos. Essas conjunturas diversas vezes se moldam para que o idoso perca ações realizadas durante fases anteriores no ciclo vital. Muitos esboços científicos apontam que a velhice e seus processos correlatos ainda são arraigadas de concepções negativas, estereótipos e preconceitos, visto que estes são frutos dos modelos de cultura,

imagens e representações obtidas até então. Assim sendo, a velhice se pauta como posição de declínio, perdas, improdutividade, período assexual, vulnerabilidade, piores condições de saúde, dentre outros, e que esses conteúdos são comumente propagados no tecer sócio-histórico e cultural no decorrer da evolução humana (Daniel, Antunes, & Amaral, 2015; Veloz, Nascimento-Schulze, & Camargo, 1999; Vieira, Coutinho, & Saraiva, 2016; Araújo, Cruz, & Rocha, 2013; Fernandes, & Andrade, 2016; Araújo, Coutinho, & Carvalho, 2005).

Nota-se que a parcela de estudos acerca dessas perdas é uma realidade; no entanto, algo que é frequentemente considerado como impróprio, obsceno ou até mesmo velado na velhice é a sexualidade. Põe-se, então, à tona esse segundo elemento como um dos déficits nessa idade; todavia, os estudos mais atuais realizados sobre o envelhecimento estão sendo afetados pelo entendimento da velhice como idade pluralizada, quando se busca abarcar e compreender as diversas facetas, tanto individuais, como sociais, dessa idade. Pretende-se observar, agora, marcadores que compõem a heterogeneidade da população, tais como gênero, etnicidade, identidades sexuais etc. (Henning, & Debert, 2015).

Tratar da sexualidade idosa apresenta-se como um obstáculo, mas, tratar da sexualidade idosa homoafetiva se torna ainda mais difícil. A construção social da homossexualidade como algo impróprio, desviante ou até mesmo patológico, como já fora considerada em manuais diagnósticos ultrapassados, é um entrave na aceitação das diversas formas das atuais diversidades sexuais. Alguns dos discursos que corroboram a continuação da formação de pensamentos incoerentes e da visão negativa-opositora à homoafetividade são intrinsecamente ligados às alocações religiosas e interpretações bíblicas (Salles, Moura, & Pereira, 2013).

As religiões estão presentes no mundo há muito tempo, e o catolicismo no Brasil está enraizado desde o período de sua colonização. Segundo o IBGE (2010), o número de brasileiros adeptos ao cristianismo totaliza 86,8% da população, sendo estes em sua maioria católicos, 64,6%. Assim, abre-se uma margem significativa para realização de estudos envolvendo esse coletivo.

Diante de um país religioso como o Brasil, apresenta-se a importância do estudo da supracitada visão que esse público proporciona sobre a velhice LGBT. No campo das pesquisas em Psicologia Social, a forma mais recorrente e utilizada para a realização de tal faceta é o uso do estudo das representações sociais, mais precisamente a Teoria das Representações Sociais. Sá (1996) postula que o intuito da análise das representações supramencionadas é possibilitar o reconhecimento das posições dos indivíduos face a aspectos do cotidiano; logo, neste escrito, mais precisamente, aos aspectos que englobam a velhice LGBT.

Observa-se que a crescente nos estudos envolvendo o envelhecimento é atual; todavia, percebe-se que tais estudos sob a ótica da população idosa homoafetiva ainda se apresenta paulatinamente. Dessa maneira, o presente trabalho visa à apreensão do conceito disposto acerca do envelhecimento homoafetivo, perpassando por aspectos da sexualidade humana e cristianismo, conjuntamente pautado no arcabouço teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais, buscando a identificação das concepções humanas acerca da velhice e do envelhecimento da população LGBT.

Método

Tipo da investigação

O presente estudo é uma produção descritiva exploratória, realizado com dados transversais.

Participantes

A presente pesquisa contou com um número de 61 (sessenta e um) participantes residentes em estados brasileiros. Os partícipes em sua totalidade são praticantes do catolicismo, com a maioria do sexo feminino (70,5%), de orientação heterossexual (82%), idades variando entre 18 e 65 anos ($M=30,08$ e $DP=12,78$), renda familiar de até 1 salário mínimo (31,1%), solteiros (50,8%) e com um tempo de prática da religião católica há mais de 5 anos (96,7%).

Instrumentos

Para a realização da pesquisa, utilizaram-se três instrumentos. O primeiro se trata de um questionário sociodemográfico, com o intuito de caracterização da amostra entrevistada, informações como sexo, idade, estado civil, renda familiar, religiosidade, tempo de prática religiosa, frequência de participação nos rituais religiosos, orientação sexual e escolaridade foram solicitadas. O segundo se trata de uma entrevista semiestruturada com a finalidade de compreender o que os partícipes entendem acerca da velhice LGBT, tal informação foi obtida com a utilização da pergunta norteadora: “Como você entende a velhice LGBT?”.

O terceiro instrumento utilizado foi um questionário baseado no Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), em que se usou a palavra estímulo “Velhice LGBT”, como forma de orientar o partícipe na escrita de palavras relacionadas e, conseqüentemente, na obtenção das representações sociais sobre a velhice LGBT.

Procedimentos e coleta dos dados

A presente pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com o parecer n.º 1.755.790. Por conseguinte, com a aprovação do referido Conselho, deu-se início a fase de coleta de dados, quando foram explicados os objetivos do estudo, sua importância e a garantia dos dados de forma voluntária e anônima. Assim, com as permissões do uso dos dados obtidos, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficou garantido o sigilo total das informações postas, como aponta a resolução 510/16 do Conselho Nacional da Saúde do Brasil. Assim, aproximadamente 20 minutos foram necessários para a conclusão da participação.

Análise dos dados

Foram empregados dois *softwares* para a realização das análises. O primeiro, como forma de aquisição das estatísticas descritivas, utilizou-se o pacote SPSS for Windows versão 23, com o intuito de caracterização da amostra. Ademais, foi utilizado o *software* Iramuteq versão 0.7, para a análise dos dados textuais das entrevistas; logo, empregou-se a verificação da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) dos segmentos de texto para a obtenção das classes, e, em seguida, a Análise Prototípica derivada do TALP, com o intuito de conhecer o núcleo central e os sistemas periféricos das representações dos participantes.

Resultados

A partir da análise resultante do *software* Iramuteq, percebe-se a criação de três classes baseadas nos segmentos de textos derivados das 61 entrevistas realizadas. Tais classes foram obtidas através da criação do dendograma, mostrando-se as relações e divisões existentes entre ambas (Camargo, 2005). A primeira divisão confinou o *corpus* textual em dois subgrupos, separando a classe 3 das demais; assim, numa nova subdivisão, o texto fragmentou-se, originando as classes 2 e 1, respectivamente.

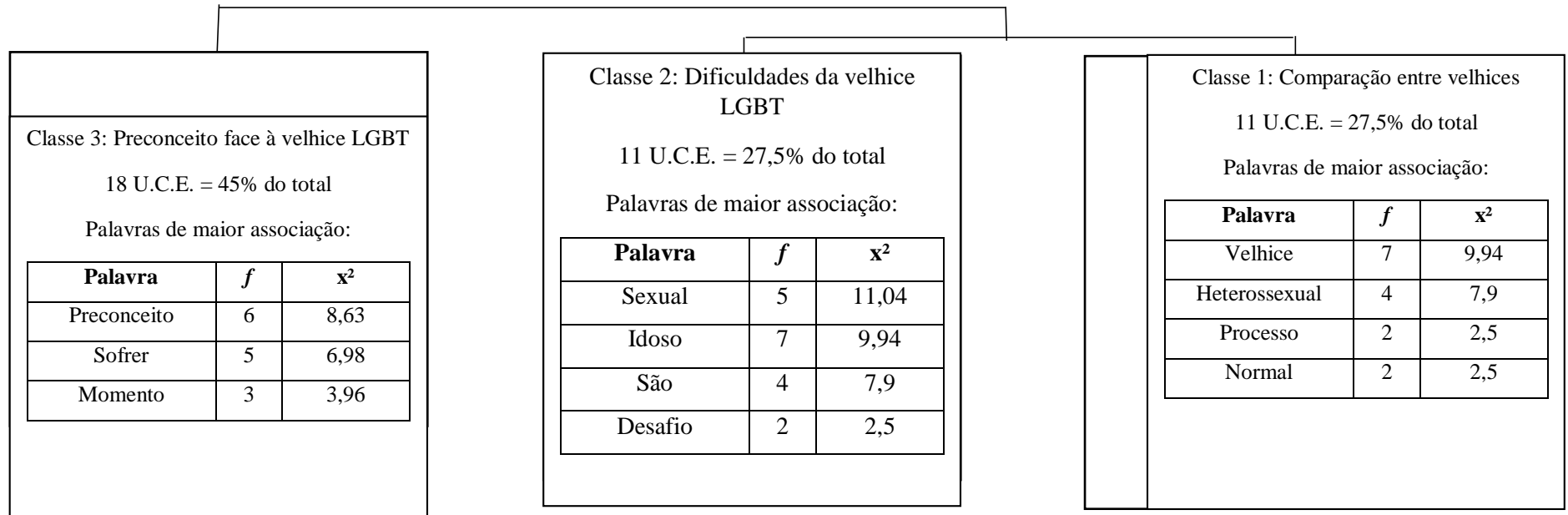


Figura 1. Dendrograma das classes resultantes das RS da velhice LGBT

A classe 1, formada a partir de 11 unidades de contexto elementar (U.C.E.), representa 27,5% do total e leva à nomeação de comparação entre as velhices. Na referida classe é possível observar a presença do emparelhamento entre as velhices hétero e homossexual, cuja ideia predominante é a que toda a velhice é composta de dificuldades e perdas, não importando a orientação sexual do idoso.

A classe 2, que representa 25,7% do total das unidades, é formada por 11 U.C.E. e é denominada de dificuldades da velhice LGBT. Nesta classe, é passível de análise a presença de discursos em que os idosos passam por dificuldades iguais; entretanto, a homoafetividade é mais um fator que contribui para o aumento desse obstáculo frente à sociedade na qual o idoso está inserido.

A última, classe 3, é a maior e representa 40% das unidades de texto, sendo composta por 18 U.C.E. Designada de preconceito face à velhice, é possível observar nesta classe o comparecimento do preconceito que a sociedade ainda apresenta para com o idoso LGBT. Ademais, também são postos em pauta os obstáculos de aceitação e todo o sofrimento que pensasse acarretar a tal indivíduo.

Palavra	f	OME	Palavra	f	OME
	≥ 4	≤ 2,8		≥ 4	≤ 4,2
Preconceito	17	2,8	Amor	11	3
Respeito	14	2,7	Solidão	7	3,1
Difícil	9	2,2	Abandono	6	3,5
Coragem	5	2,6	Cuidado	6	3
Desconhecido	4	2	Escolha	6	4,2
Experiência	4	2,8	Aceitação	5	3,8
			Estranho	5	3,2
			Medo	4	4
Palavra	f	OME	Palavra	f	OME
	≥ 3	≤ 2,7		≥ 3	≤ 3,7
Idosos	3	1	Acolhimento	3	3,7
Tristeza	3	2,3	Tabu	3	3
Diferente	3	2,7	Isolamento	3	3
Vergonha	3	2,7			

Tabela 1. Análise prototípica das RS de católicos com o termo indutor “velhice LGBT” (n=61)

Por meio da Análise Prototípica, foi possível observar o conteúdo do núcleo central e do sistema periférico das representações. Para Sá (1996), o núcleo central é responsável pela definição dos elementos da representação, e que é mais fortemente compartilhado por um grupo; o sistema periférico, por sua vez, tem um caráter mais móvel e volátil de adaptação com relação às experiências cotidianas. Considerando-se as informações expostas pela análise e os respectivos quadrantes dados, percebe-se que, pelos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras no TALP, surgem novas informações.

O primeiro quadrante (superior esquerdo na tabela) apresenta as palavras com maior frequência, prontamente evocadas pelos participantes e com menor ordem média de evocação (OME). *Preconceito, respeito, difícil* etc. são as palavras indicadas como núcleo central da representação dos participantes acerca da velhice LGBT. No segundo quadrante (superior direito), encontra-se a primeira periferia. Tal zona apresenta palavras com alta frequência e alta ordem de evocação, como *amor* e *solidão*, e são considerados como elementos secundários da representação. No terceiro quadrante (inferior esquerdo) expõem-se os elementos-contrastes que são respostas prontamente evocadas, mas com frequência abaixo da média, como *idosos, tristeza* etc. Já no quarto e último quadrante (inferior direito), examina-se a segunda periferia, que comporta as palavras *acolhimento, tabu* e *isolamento*, com menor ordem de evocação e baixa frequência, sendo pouco salientes na estrutura da representação do grupo (Abric, 2003).

Discussão

Ao considerar os resultados apreendidos pela Classificação Hierárquica Descendente (Figura 1), discute-se agora os elementos encontrados nessa análise, a partir das concepções presentes face ao envelhecimento e à velhice LGBT.

Classe 1 – Comparação entre velhices

Ao observar os conteúdos presentes na atual classe, pôde-se perceber que os participantes não consideram uma distinção notável entre a velhice heterossexual e a velhice LGBT. Dessa maneira, o olhar para com o processo de envelhecimento apresenta-se atrelado às questões de declínios e dificuldades e indiferente quanto à orientação sexual.

Os discursos mais representativos dessa classe foram: “*difícil, como a velhice heterossexual*”; “*é normal, com as mesmas dificuldades de uma velhice hétero*”; “*como um período difícil, como toda velhice*”; “*entendo como uma situação normal, como a senescência dos heterossexuais*”.

Apesar de estudos apresentarem as religiões cristãs como compostas de ideologias desfavoráveis quanto à população LGBT, compreende-se uma discordância nesse aspecto diante dos discursos apresentados. Diante disso, pesquisas apontam que a transformação do pensamento e das representações sociais acontecem diariamente, principalmente devido ao fato das evoluções sócio-histórico-culturais. Com a presença da discussão sobre a sexualidade, a autonomia que tal aspecto instaurou nos dias atuais e seu “livre” exercício, são fatores preponderantes no combate da visão negativa enraizada em dogmas ancestrais (Salles, Moura, & Pereira, 2013; Silva, Paiva, & Parker, 2013; Ventura, 2004).

Contudo, é necessário ater-se ao fato de que as velhices não devem ser tratadas como algo simplesmente homogêneo. É inegável que os declínios físicos, psíquicos e sociais estão presentes nessa etapa do ciclo vital; no entanto, fazer disso uma regra geral resulta em novas perdas. Os estudos sobre a velhice LGBT são um crescente nos dias atuais e entender as questões associadas ao envelhecimento desse grupo é um desafio, pois, mesmo que a abertura a esse público tenha se alongado, o preconceito que beira a ignorância ainda se faz presente. Ainda assim, estudos mais recentes apontam que a velhice LGBT está muito atrelada à pessoa LGBT, e isso resulta em demasiadas percepções estereotipadas e negativas (Zimmerman, 2000; Salgado, *et al.*, 2017; Araújo, Silva, & Santos, 2017).

Classe 2 – Dificuldades da velhice LGBT

Nesta classe, expõe-se que, ao passo de as velhices serem agrupadas em um único espectro, a variável LGBT pode tornar-se um fator de dificuldade nesse meio. Dessa forma, pode-se perceber que, mesmo com a atualização dos modos de vida e fatores de relacionamento nos dias atuais, a homoafetividade ainda é atribuída a um estilo negativo de vida.

Os discursos presentes nessa classe apontam que a velhice LGBT trata-se de “*idosos com medo ou vergonha de assumir a sua orientação sexual*”; “*idosos que estão enfrentando novos desafios na sociedade moderna*”; “*aceitação tardia da sexualidade*”.

É perceptível que a coorte de idosos atual, dos que viveram sua adolescência ou vida adulta em meio a negações e repressões, tanto no campo religioso, quanto no campo sociopolítico, possa apresentar dificuldades relacionadas às questões de aceitação e experiencição da sexualidade. Entretanto, tal aspecto pode ser uma corroboração às pesquisas que apresentam a progressão da visão da velhice como idade assexuada, mesmo que outros estudos atuais apontem que a presença de uma vida sexual ativa é benéfica e de fundamental importância no bem-estar físico e psíquico do idoso (Debert, & Brigeiro, 2012; Orel, 2014; Henning, 2014; Vieira, Coutinho, & Saraiva, 2016).

Classe 3 – Preconceito face à velhice LGBT

A classe mais expressiva da análise, portando 45% do total, traz à tona o entendimento da velhice LGBT como castigada pelo preconceito. Os discursos preponderantes apontam que *“os indivíduos já sofrem preconceito por muito tempo e quando se chega na velhice muitos idosos LGBT sofrem com essa questão”*; *“acredito que a velhice LGBT deva ser de mais difícil enfrentamento em virtude dos muitos preconceitos”*; *“hoje é possível perceber como o preconceito é presente”*.

O preconceito é, de fato, uma das questões ainda atreladas ao público LGBT. Todavia, o aumento dos espaços de fala e crescimento das discussões relacionadas ao público são de extrema necessidade; entretanto, quando entrelaçadas aos discursos político-religiosos, essa pauta enfraquece. Pesquisas atuais apresentam a persistência dos preconceitos e estereótipos negativos em relação ao idoso e ao LGBT, de forma direta ou indireta, com os discursos presentes nessa classe sendo uma reafirmação do que é posto em questão, quando, mesmo com todo o avanço, há a presença do preconceito intrínseco nos discursos da sociedade atual (Salles, Moura, & Pereira, 2013; Salgado, *et al.*, 2017; Henning, 2017).

Análise Prototípica

Para uma maior e mais detalhada explanação das RS de católicos acerca da velhice LGBT, a análise prototípica (Tabela 1) acrescenta um maior número de informações ao presente estudo. Observa-se que os quadrantes oriundos da análise possuem características importantes para a representação do grupo.

O primeiro quadrante, referente ao núcleo central, comporta as principais representações que os participantes demonstram acerca da velhice LGBT. As palavras em destaque e com maior frequência foram *preconceito*, *respeito* e *difícil*. Assim, corroborando os dados obtidos pela CHD, verifica-se que as RS desses participantes ainda concernem aos aspectos maioritariamente negativos e estereotipados da velhice, como apontam alguns estudos. Mostra-se também que, mesmo com a visão negativa sobre essa população, o termo desconhecido também faz parte dessa representação, em que se volta a ponto de julgar a velhice como assexuada e a negação da possibilidade de existência de uma velhice LGBT. Ademais, mesmo com tais visões, a palavra *respeito* pode vir a demonstrar uma alteração nos referidos valores atribuídos ao idoso LGBT pelos dogmas cristãos encontrados até então em transformação, chocando-se diretamente com a procura da aceitação de uma diversidade sexual (Pereira, Chaves, Santos, Sá, & Arrais, 2015; Salles, Moura, & Pereira, 2013).

Contudo, parte dos estudos que compõem o âmbito da Gerontologia podem ser considerados fatores importantes no emprego das evocações *experiência* e *desconhecido* no núcleo central. De certa forma, a postura hétero sempre fora posta como posição correta de sexualidade, provavelmente por tratar-se da redução de tal aspecto à procriação da espécie; assim, os estudos humanos deram continuidade a essa ideia. Logo, o panorama heteronormativo instaurado também se fez presente nos estudos gerontológicos desde então, possivelmente tratando a homossexualidade como uma fase, negligenciando abruptamente a possibilidade da existência de uma velhice que contraponha a dita como correta. Antes, tal área se concentrava primordialmente na construção de estudos empíricos voltados devidamente aos declínios associados à velhice, como as doenças crônicas, perdas sociais, entre outros fatores.

Diante disso, percebe-se que o envelhecimento heterossexual não abrange completamente todos os outros tipos e formas das velhices atuais; assim sendo, abre-se o leque para o entendimento dos que fogem à norma empregada, não somente os *gays* e *lésbicas*, como também os *travestis*, *transexuais*, *transgêneros*, *bissexuais* etc. (Salgado, *et al.*, 2017; Debert, Simões, & Henning, 2016; Orel, 2014; Henning, 2013).

Na construção da primeira periferia da análise, a qual conta com os elementos secundários das representações, há a presença de um olhar maior no que tange às consequências da velhice LGBT. A palavra em destaque, e com maior frequência, é *amor*; logo, fica perceptível a mudança mencionada anteriormente, a qual pode vir a ser uma realidade dentro das RS.

Por conseguinte, palavras como *solidão*, *abandono*, *cuidado* e *escolha*, voltam a refletir aspectos já esperados e encontrados por outras pesquisas dentro desse âmbito, em que se pensa a velhice LGBT como sinônimo do exílio social e emocional (Pereira, *et al.*, 2015; Henning, 2017; Araújo, Silva, & Santos, 2017).

Nos quadrantes restantes, são apontadas a zona de contraste e a segunda periferia. A primeira se configura como evocações com baixas frequências e colocadas cedo no discurso; logo, *idoso*, *tristeza*, *diferença* e *vergonha* são elementos que se viabilizam como o complemento da primeira periferia supracitada. Já a segunda, referente às evocações colocadas como últimas respostas, configuram o esboço negativo presente nas representações dessa população.

Conclusão

A atual pesquisa se propôs apreender e explorar as representações sociais de religiosos católicos face à velhice e ao envelhecimento LGBT populacional, pois visto que a presente religião fora por muito tempo fator de extrema importância na construção de representações negativas frente à população LGBT como um todo, principalmente baseado no que tange às interpretações de escritos antepassados. Tal processo de construção científica visa a contribuir no devido entendimento acerca das representações sociais, trazendo à tona a importância e o aumento das discussões envolvendo o público LGBT e, mais precisamente, as suas velhices, como forma de decréscimo das visões estereotipadas e negativas junto a tal coletividade.

Percebeu-se que as representações sociais do grupo participante possuíam elementos baseados em uma visão negativa e estereotipada para com o público idoso LGBT. Conquanto, também foi possível analisar a presença de representações mais acolhedoras, possivelmente fruto das diversas transformações científicas, sociais, políticas e culturais ocorridas no passar dos tempos.

Dessa forma, a presente análise busca contribuir para com os estudos acerca da temática apresentada. Dessa maneira, é perceptível a quantidade relativamente baixa desses estudos no contexto brasileiro, sobretudo a respeito do envelhecimento populacional LGBT. Isso posto, há atualmente a presença de um crescente em relação ao estudo do devido tema, contribuindo de forma expressiva na edificação de maiores discussões.

Por fim, recomenda-se a construção de novas pesquisas que englobem a presente, e novas amostras, não apenas para o levantamento do número científico, mas visando à criação de maiores debates e espaços de visibilidade a tal coletivo que ainda se apresenta timidamente e com carga representacional negativa.

Referências

- Araújo, L. F., Coutinho, M. P. L., & Carvalho, V. Â. M. L. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(1), 118-131. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a10.pdf>.
- Araújo, L. F., Cruz, E. A. & Rocha, R. A. (2013). Representações sociais da violência na velhice: estudo comparativo entre profissionais de saúde e agentes comunitários de saúde. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 203-212. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000100022>
- Araújo, L. F., Silva, R. J. S., & Santos, J. V. D. O. (2017). Resiliência e Velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes níveis socioeconômicos. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 20(1), 389-407. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i1p389-407/23091>.
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: Moreira, A. S. P., Jesuino, J. C., & Camargo, B. V. (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*, 511-539. João Pessoa, PA: EdUFPB.
- Costa, F. G., & Campos, P. H. F. (2009). Representação social da velhice, exclusão e práticas institucionais. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, 1(1), 100-113. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <http://www.crp09.org.br/portal/images/links/repispp/v1n1a6.pdf>.
- Daniel, F., Antunes, A., & Amaral, I. (2015). Representações Sociais da Velhice. *Análise Psicológica*, 33(3). Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.14417/ap.972>.
- Debert, G. G., Simões, J. A., & Henning, C. E. (2016). Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização. *Sociedade e Cultura*, 19(2), 03-12. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70352146001>.
- Debert, G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80). Recuperado em 01 julho, 2019, de: <http://www.redalyc.org/html/107/10724731003/>.
- Fernandes, J. S. G. & Andrade, M. S. (2016). Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 48-59. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v68n2/v68n2a05.pdf>.
- Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Silva, A. O., da N., Sá, R. C., & Moreira, M. A. S. P. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a09.pdf>.

Flores, L. P. O. (2015). O envelhecimento da população brasileira. *Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativos REDECA*, 2(1), 86-100. Recuperado em 01 julho, 2019, de: 10.23925/2446-9513.2015v2i1p86-100.

Henning, C. E. & Debert, G. C. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *MAIS60 Estudos sobre envelhecimento*, 26(63), 8-31. Recuperado em 01 julho, 2019, de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/a21b7270-e797-4ccc-a526-9f83f89db9df.pdf.

Henning, C. E. (2013). O panorama heteronormativo sobre a velhice e a literatura que entrelaça homossexualidade, bissexualidade, transgêneros e envelhecimento. Recuperado em 01 julho, 2019, de: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381508493_ARQUIVO_CarlosEduardoHenning.pdf.

Henning, C. E. (2014). *Paizões, tiozões, e tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em 01 julho, 2019, de: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf.

Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 283-323. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832017000100010>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. (2010). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. (2016). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.

Moraes, P. R., Souza, I. C., Pinto, D. A. O., Estevam, S. J., & Munhoz, W. A. (2013). A teoria das representações sociais. *Direito em Foco*. Recuperado em 01 julho, 2019, de: http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2013/teoria_representacoes.pdf.

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Orel, N. A. (2014). Investigar as Necessidades e Preocupações dos Adultos Idosos, Gays, Bissexuais e Transgêneros: o uso de metodologia qualitativa e quantitativa. *Journal of Homosexuality*, 61(1), 53-78. Recuperado em 01 julho, 2019, de: DOI: <http://doi.org/10.1080/00918369.2013.835236>.

Pereira, K. C. S. A., Chaves, P. R. S., Santos, F. L. S., Sá, E. F. S., & Arrais, A. R. (2015). Autoconceito em idosos homossexuais: um estudo exploratório. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(1), 259-275. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 julho, 2019, de: 10.23925/2176-901X.2015v18i1p259-275.

Rabelo, D. F., & Davi, E. H. D. (2017). Preconceito e discriminação contra o idoso e as práticas gerontológicas. In: Araújo, L. F., & Carvalho, C. M. R. G. (Orgs.). *Envelhecimento e práticas gerontológicas*, 119-132. Curitiba, PR: Editora CRV.

Salgado, A. G. A. T., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 155. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1487>.

Salles, C. M. C., Moura, A. D., & Pereira, F. M. (2013). Discursos perigosos: uma reflexão acerca do enlace entre homossexualidade e religião nos dias atuais. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 10. Recuperado em 01 julho, 2019, de: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373336026_ARQUIVO_FG10-DiscursosReligiososeHomossexualidade-Versaofinal.pdf.

Santos, M. F. S. (1994). Velhice: uma questão psico-social. *Temas em Psicologia*, 2(2), 123-131. Recuperado em 01 julho, 2019, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200013&lng=pt&tlng=pt.

Silva, A. M. R. (2011). *Representações sociais da velhice*. Tese de doutorado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, PT, Portugal. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56661/2/29717.pdf>.

Silva, C. G., Paiva, V., & Parker, R. (2013). Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17(44), 103-117. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100009>.

Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: reflexão e crítica*, 12(2). Recuperado em 01 julho, 2019, de: <http://www.redalyc.org/html/188/18812215/>.

Ventura, M. (2004). Princípios dos direitos sexuais e reprodutivos. In: Ventura, M., Ikawa, D., Piovesan, F., & Barsted, L. (Orgs.). *Direitos sexuais e direitos reprodutivos na perspectiva dos direitos humanos: síntese para gestores, legisladores e operadores do direito*, 49-54. Rio de Janeiro, RJ: Advocacia.

Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., & Saraiva, E. R. A. (2016). A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 36(1), 196-209. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>.

Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., & Saraiva, E. R. A. (2016). A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 36(1), 196-209. Recuperado em 01 julho, 2019, de: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>.

Recebido em 23/07/2019

Aceito em 30/12/2019

Hiago Veras Gomes – Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-UFPI. Graduando em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: hiagoveras@hotmail.com

Ludgleydson Fernandes de Araújo – Doutor em Psicologia, Universidade de Granada, Espanha, com período sanduíche na Università di Bologna, Itália. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: ludgleydson@yahoo.com.br

Lorena Alves de Jesus – Voluntária de Iniciação Científica ICV-UFPI. Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: lorenaalve_s@hotmail.com

José Victor de Oliveira Santos – Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-CNPq. Graduando em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: victorolintos@hotmail.com

Ana Gabriela Aguiar Trevia Salgado – Voluntária de Iniciação Científica ICV-UFPI. Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: gabrielatrevia@outlook.com

Marielle Monte Araújo – Voluntária de Iniciação Científica ICV-UFPI. Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Piauí, UFPI.

E-mail: mariellimontee@gmail.com